



## ENTRE/HISTÓRIA

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Marina Silva**  
foto  
marina.silva@  
redebahia.com.br



**Clarissa Pacheco**  
texto  
clarissa.pacheco@  
redebahia.com.br

# Onde Salvador mais resiste

## Homenagens Projeto Salvador Escravista recebe reconhecimento da Unesco e vai lançar verbetes sobre ícones da resistência que dão nomes a ruas e praças da capital

A caminhada é curta – apenas 150 metros. Já o encontro, diante do mar no Bonfim, improvável. Se andassem juntos, José do Patrocínio e Antonio Moniz chegariam rapidamente à Avenida Beira Mar. Mas, entre um e outro, vai uma distância grande: o primeiro, abolicionista, não seria compa-

rneiro de caminhada do segundo, ex-governador da Bahia e neto de um dos grandes proprietários de escravos do século XVIII. As diferenças não param por aí. José do Patrocínio dá nome a uma travessa estreita com casas de reboco. Já Antonio Moniz é o nome de uma rua larga, que parte da Avenida Porto dos Mestros, atravessa o Largo do Papa-gaio, cruza a Visconde de Ca-

ravelas e chega à Beira Mar. As marcas do passado escravista de Salvador estão em toda parte, mas nem sempre quem mora nestes locais sabe quem são as figuras nas placas. Ao longo de novembro, mês da Consciência Negra, o projeto Salvador Escravista, que recebeu, esta semana, o selo de reconhecimento da Unesco (leia mais ao lado), vai lançar verbetes contando a

“A gente vai ter essas histórias da resistência, trazer personagens como André Rebouças, José do Patrocínio, Zumbi dos Palmares, e também outras ações, como o verbete do Quilombo do Buraco do Tatu, em Itapuá Carlos da Silva Jr. Historiador

“O centro antigo, que recebe nomes de pessoas controversas, foi por muito tempo o centro do poder hegemônico, europeu, branco e rico da cidade e essas pessoas homenageiam os seus Livia Magalhães Filóloga

A Travessa José do Patrocínio, no Bonfim, homenageia o abolicionista, jornalista e escritor carioca

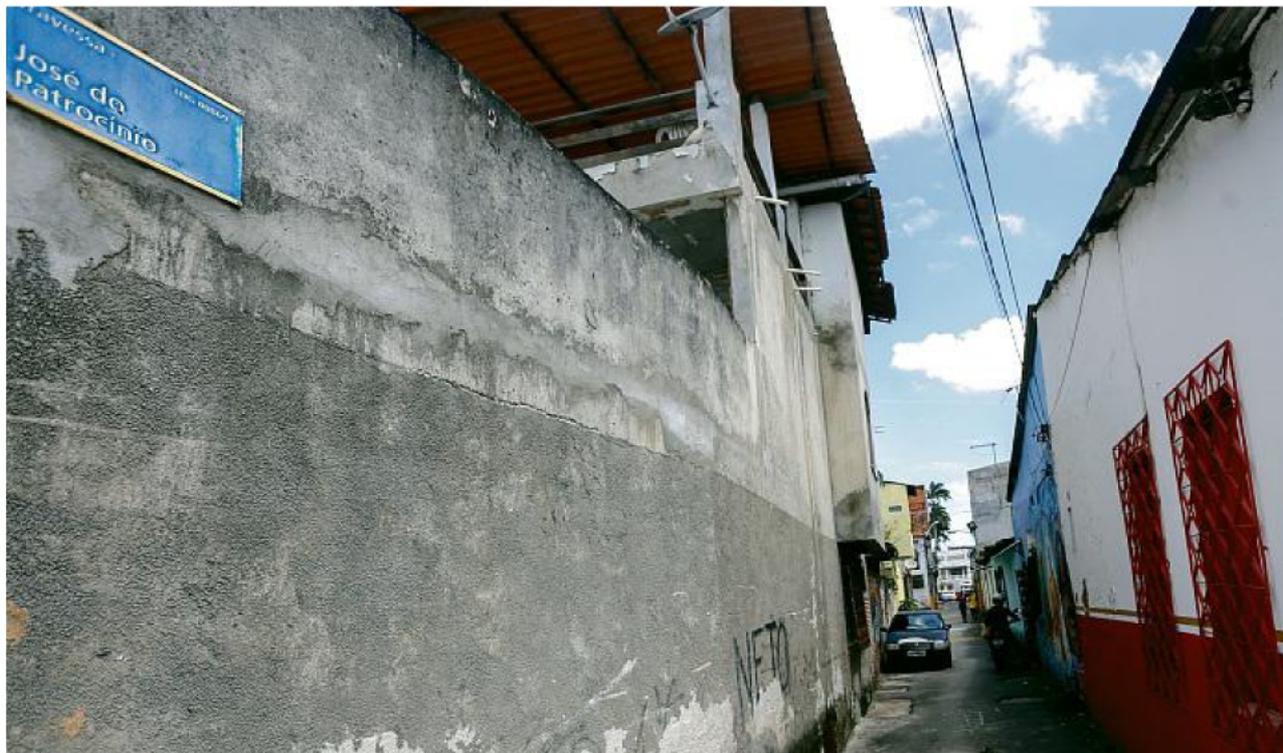
história de parte destas pessoas: desta vez, estão sendo preparados textos sobre os ícones da resistência – entre eles, José do Patrocínio.

“A gente vai ter essas histórias da resistência, trazer personagens como André Rebouças, José do Patrocínio, Zumbi dos Palmares, e também outras ações, como o verbete do Quilombo do Buraco do Tatu, em Itapuá”, explica o historiador Carlos da Silva Jr., professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e membro do conselho científico do Salvador Escravista.

“A ideia é que os verbetes sejam de fácil acesso ao público, que tenham uma leitura que possa ser usada no ensino fundamental, médio”, completa Cândido Domingues, historiador, professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e membro do projeto.

### GEOGRAFIA

As homenagens em nomes de ruas, praças, travessas, avenidas e monumentos marcam a geografia da cidade. De acordo com Carlos da Silva Jr., é principalmente nas periferias que estão as homenagens a ícones da resistência.



## PROJETO DA UNESCO APOIA O SALVADOR ESCRAVISTA

No início da semana, o projeto Salvador Escravista ([www.salvadorescravista.com](http://www.salvadorescravista.com)), liderado por historiadores de seis universidades brasileiras, sendo quatro na Bahia, recebeu o reconhecimento da Unesco – escritório das Nações Unidas para a Edu-

cação, a Ciência e a Cultura. O selo inclui o Salvador Escravista, uma ferramenta de pesquisa sobre a história de Salvador relacionada ao impacto da escravidão, na lista dos reconhecidos pelo projeto A Rota do Escravo: Resistência, Liberdade, Patrimônio.

O projeto da Unesco foi lançado em 1994 em Ouidah, na República do Benin, o segundo maior porto negreiro da África na era do tráfico. O comitê científico conta com dois brasileiros: a historiadora Ana Lucia Araujo (Howard University) e o antropólogo Milton Guran, da Univer-

sidade Federal Fluminense. “A Unesco apoia vários projetos inclusive colóquios e congressos sobre o assunto. Vários projetos, incluindo sítios históricos, foram reconhecidos como sítios do Projeto Rota do Escravo. Esse foi o caso do Valongo em 2013, an-

## MOVIMENTO EM TODO O MUNDO

Em agosto, dois meses depois da derrubada da estátua de um traficante de africanos escravizados na Inglaterra, pesquisadores baianos lançaram o projeto colaborativo Salvador Escravista, que lista e discute estátuas, prédios e ruas da capital

Patrocínio também está em Fazenda Coutos. Os irmãos André e Antônio Rebouças, na Ribeira e em Águas Claras. Luiz Gama, outro abolicionista, tem um busto na Liberdade, um dos bairros onde há uma Rua Treze de Maio, data da assinatura da Lei Áurea. Há ruas Treze de Maio em Paripe, Campinas de Pirajá, Pau da Lima e Sussuarana – todos bairros periféricos.

"Há uma concentração escravagista no Centro ou antigo Centro. As homenagens a figuras que defenderam a escravidão até o último momento se concentram na região do que é a Barra, Avenida Sete, Campo Grande, Comércio, enquanto as reparadoras se concentram mais na periferia", aponta Carlos da Silva Jr.

Filóloga, a professora Lívia Borges Souza Magalhães, que desenvolve pesquisas em acervos históricos baianos, fala sobre como a constituição da cidade é um reflexo de sua história. "O Centro Antigo, que recebe nomes de pessoas controversas, foi por muito tempo o centro do poder hegemônico, europeu, branco e rico da cidade e essas pessoas homenageiam os seus", explica.

Lívia, que também estudou

a toponímia – o estudo dos nomes dos lugares – lembra que muitos dos homenageados moravam nestas regiões: "A periferia, com negros, pobres, marginalizados pelo centro hegemônico, vai buscar homenagear os seus ou os que lutam por seus ideais".

A lei municipal que regula os nomes dos logradouros de Salvador é de 1979 e diz que se deve evitar nomes de pessoas sem referência histórica. Os novos nomes – inclusive eventuais substituições – deveriam destacar brasileiros, entre outros critérios, pela prática de atos heróicos e edificantes.

A também filóloga, doutora em Linguística Histórica e professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Eliana Brandão, destaca que a nomeação de lugares ocupa um espaço sociocultural histórico e segue questões ideológicas.

Dai a importância de estudar os nomes dos lugares, não só mostrando como alguns escondem uma violência no contexto da escravidão, mas também denunciando o silêncio.

"Muitos nomes de origem africana foram substituídos

●● **A localização da estátua de Zumbi é bem interessante, porque ela está no centro do poder colonial. O bispo Sardinha morava ali e agora Zumbi fica olhando para as costas dele** Cândido Domingues

Historiador

●● **Muitos nomes de origem africana foram substituídos por nomes de origem portuguesa. Para nós, esse silêncio ecoa muito também. A substituição desses nomes é um pouco uma tentativa de apagamento** Eliana Brandão

Filóloga

**A Rua Antonio Moniz, também no Bonfim, lembra uma figura oposta a José do Patrocínio**

por nomes de origem portuguesa. Para nós, esse silêncio ecoa muito grande também. A substituição desses nomes é um pouco uma tentativa de apagamento", declara.

As homenagens – controversas ou reparadoras – seguem uma lógica de distribuição na cidade – inclusive de importância viária. Mas há exceções "inusitados", como o de José do Patrocínio e Antônio Moniz, e o Bonfim não é o único bairro a testemunhá-los.

Bem no meio da Praça da Sé, centro do poder colonial na cidade, uma estátua do Zumbi dos Palmares se destaca ao lado do Palácio Arquiepiscopal, antiga sede da Igreja Católica no Brasil. E, hoje, Zumbi olha para a costas do busto do bispo Pero Fernandes Sardinha, o primeiro do Brasil.

Cândido Domingues chama a atenção para o fato de Zumbi ser homenageado no Centro: "Em São Paulo e no Rio de Janeiro, os Rebouças (André e Antônio) têm grandes avenidas, túneis, mas não têm grande destaque em Salvador".

### DEMARCAÇÕES

Salvador foi o segundo maior porto escravista da América,

como observa a historiadora Ana Lucia Araujo, professora da Howard University, nos Estados Unidos. Mas, quando o Centro Histórico da cidade foi inscrito como patrimônio mundial, não havia menções à importância da escravidão e do comércio de escravos na região.

"Enquanto esse passado doloroso tem sido escamoteado, a cidade celebra suas raízes africanas sem mencionar esse crime contra a humanidade", avalia Ana Lucia.

Estimular o poder público a incluir estes marcadores nos locais de memória é um dos objetivos do Salvador Escravista. Para a historiadora, que é membro do Projeto A Rota do Escravo, da Unesco, que reconheceu a iniciativa baiana, o grupo é pioneiro nisso.

No Rio de Janeiro, as placas contêm informações sobre o homenageado. Presidente da Fundação Gregório de Mattos, que cuida do patrimônio de Salvador, Fernando Guerreiro disse não existir um projeto aqui, mas gostou da ideia: "A gente chegou a discutir na época das estátuas. Acho a ideia bem interessante, mas não tenho o projeto. Vou deixar como sugestão", disse.



tes de ser inscrito na lista do patrimônio mundial da humanidade da Unesco", explica Ana Lucia Araujo.

Já o Salvador Escravista tem em seu conselho pesquisadores da Ufba – Felipe Azevedo e Souza, Iacy Maia Mata, João José Reis, Moreno Pacheco e

Wlamyra Albuquerque –, da UFRB – Luciana Brito –, da Universidade Estadual de Feira de Santana – Carlos da Silva Jr. –, da Uneb – Cândido Domingues –, da Universidade Federal do Piauí – Erica Lôpo de Araújo –, da Universidade de Brasília – Ana Flávia Magalhães Pinto.

### NOVOS VERBETES

● **José do Patrocínio** Abolicionista, foi farmacêutico, jornalista, escritor e fundador da Guarda Negra da Redentora, formada por negros.

● **André Rebouças Baiano**, engenheiro, abolicionista filho de Antônio Pereira Rebouças e neto de uma escrava liberta com um alfaiate português.

● **Zumbi** Líder quilombola,

um dos nomes mais marcantes do Quilombo dos Palmares.

● **Quilombo Buraco do Tatu** Quilombo destruído em 1763, próximo de onde hoje fica a Estrada Velha do Aeroporto.